



Uma revista de terra, mar e ar: o período poliesportivo de *Fluir*¹

Rafael Fortes²

Universidade Federal Fluminense

Resumo

Conhecida como principal revista de surfe do Brasil, *Fluir*, quando de seu lançamento, em 1983, tinha como subtítulo “Terra, Mar e Ar” e se dedicava a três modalidades esportivas: surfe, bicicross e vôo livre. Na segunda edição, incorporou o skate. Esta situação – à qual se propõe denominar *período poliesportivo* – durou cerca de um ano, até que os esportes fossem abandonados um a um e restasse apenas o surfe. Este trabalho aborda o discurso da publicação sobre as modalidades associadas a terra e ar (bicicross, skate e vôo livre), chamando a atenção para diferenças e semelhanças na construção imagética das três em relação ao surfe, que ocupava o centro das atenções. Por exemplo, o bicicross é apresentado como um esporte “limpo”, ao contrário do skate, que, segundo um colunista, tem por objetivo “horrorizar as massas”.

Palavras-chave

Fluir; revista; mídia de nicho; esportes radicais; bicicross

Introdução

Quando de seu lançamento, no segundo semestre de 1983, *Fluir* tinha periodicidade bimestral e cobria diferentes esportes radicais. Isto se verifica através da capa, do conteúdo e do próprio subtítulo: *Terra, Mar e Ar*.³ Contudo, ambas as características se modificam com o tempo. A periodicidade passa a mensal em 1987. Já a escolha das modalidades cobertas varia de forma mais brusca e rápida. Na segunda edição, são quatro (entra o skate) mas, um ano depois, resta apenas o surfe. É sobre este período de cerca de um ano, em que *Fluir* cobriu sistematicamente modalidades ligadas à terra (bicicross e skate) e ao ar (vôo livre) que se debruça este artigo.

Desde o início, a publicação busca mostrar a si mesma como um produto diferenciado em meio à profusão de títulos ofertados nas bancas e à mídia de massa (não-especializada). Neste sentido, utilizo o conceito de mídia de nicho, formulado por Sarah Thornton (1996), para dar conta do objeto empírico em questão. A mídia de nicho

¹ Trabalho apresentado aos Grupos de Trabalho, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. O artigo remete a discussões travadas no primeiro capítulo da tese de doutorado *O surfe nas ondas da mídia: um estudo de Fluir nos anos 1980*.

² Doutor e mestre em Comunicação, jornalista e historiador – todos os títulos obtidos na Universidade Federal Fluminense (UFF). Organizador dos livros *Introdução à História da Comunicação* (com Pablo Laignier; no prelo) e *Segurança Pública, Direitos Humanos e Violência*. Pesquisador do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer (vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ). Contato: raffortes@hotmail.com.

³ *Fluir – Terra, Mar e Ar*, ano 1, n. 1, set-out/1983.



apresenta para o público um importante atrativo e diferencial em relação às revistas de informação geral e à mídia de massa, comumente identificada como agente que distorce as notícias ao tratar das subculturas. A mídia de nicho vai na direção contrária, colocando-se como um espaço construído por agentes que partilham os valores da subcultura. Neste sentido, idéias que permeiam as noções hegemônicas no jornalismo brasileiro, como as de distanciamento e de formação profissional específica, não têm lugar – muito pelo contrário. Na mídia de nicho, valoriza-se a inserção na subcultura e o compromisso com a mesma.

O artigo enfoca a fala da revista sobre as modalidades de terra e ar: bicicross, skate e vôo livre.⁴ A fórmula de abordar *esportes radicais* não era inédita: *Visual Esportivo*, criada em 1980, tratava de surfe, skate, asa-delta e windsurf; a extinta *Realce* cobria várias modalidades, além de moda, música e assuntos considerados de interesse dos jovens (Gutenberg, 1989, p. 187). A primeira seção expõe e analisa certas características da *revista de esportes radicais* e das representações construídas a respeito dos mesmos. Por exemplo, a própria noção de esportes radicais e os mecanismos utilizados por *Fluir* para apresentá-los como modalidades seguras e dignas de respeito, evitando abordar problemas como acidentes, riscos e sujeição às condições climáticas. Em seguida, para conferir caráter concreto à discussão, esta se debruça sobre o bicicross, modalidade que obteve mais espaço entre as de terra e ar e gozou de uma imagem mais *limpa*.

Uma revista de esportes radicais

Sob a expressão *esportes radicais* reúnem-se práticas singulares com diferenças entre si. Por outro lado, é comum os praticantes transitarem entre mais de uma modalidade, conforme afirmam estudiosos (Dias, 2008; Souza, 2003).⁵ Há intensa circulação de atletas e de técnicas, manobras, equipamentos, roupas, materiais. Muitos praticavam duas ou mais modalidades antes de decidirem se dedicar exclusivamente a uma, como o piloto de bicicross que praticara skate e surfe.⁶ A partir da segunda metade da década, surfe, snowboard e skate intercambiaram diversas manobras. Entre as que o surfe importou e adaptou estão os aéreos, nos quais o surfista voa com a prancha,

⁴ Cabe ressaltar que o surfe (ou melhor, “surf”) ocupa o primeiro plano em todos os exemplares do período poliesportivo.

⁵ Tal é o caso de personagens dos filmes *Menino do Rio* e *Garota Dourada*, datados respectivamente de 1981 e 1983.

⁶ “Quem é Tchap-Tchura”, Reinaldo Negreiros Ribeiro, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 66.



interrompendo o contato com a onda, e retorna à mesma, conseguindo reequilibrar-se (Ford e Brown, 2006, p. 34). Anos antes, o salto qualitativo que transformou o skate em febre nos EUA foi dado por garotos californianos que adaptaram para as pistas e piscinas as manobras e o estilo do surfe.⁷

A noção de *esportes radicais* “possui interseções com outras como *esportes na natureza*, *esportes de aventura* e *esportes de ação*” (Fortes, 2009). Há quem as utilize indistintamente.⁸ Os esportes radicais diferem de esportes comuns não apenas por características da prática em si, mas por serem apropriados pelos praticantes e/ou admiradores – notadamente nos casos do skate, do surfe e do snowboard – como instâncias de construção de identidade. Neste processo, as revistas ocupam um papel preponderante como instância que se legitima para falar ao público interno – pelo conhecimento de causa e envolvimento – e, ao mesmo tempo, atrair novos interessados do público externo. Há disputas em torno de diferentes estratégias de identificação em cada modalidade – e boa parte desta batalha é travada dentro e por meio da mídia de nicho. Vão se construindo gramáticas em torno das práticas, as quais inclusive variam de uma modalidade para outra. *Fluir* tem um papel importante no processo, principalmente no caso do surfe (já que as demais modalidades são abandonadas), que se tornou a subcultura mais perene e forte durante os anos 1980. Seja como for, a noção de esportes radicais remete a risco, emoção, adrenalina. Neste sentido, salta aos olhos o fato de *Fluir* se dedicar ao tema, mas fazer pouquíssimas menções a perigos e acidentes – trata-se, portanto, de uma das estratégias de construção de uma imagem positiva das modalidades. Embora haja riscos evidentes e estes sejam mencionados ocasionalmente, não há cobertura sistemática de tais problemas e inexistem reportagens sobre acidentes e suas conseqüências, por exemplo. Sequer há fotos mostrando acidentes ou acidentados, sangue etc.

Em 1984, “atendendo à inúmeros pedidos, a *Fluir* publica de maneira simples e eficaz, planos para a construção de sua própria rampa”, um “modelo [...] versátil, pois pode ser utilizado tanto para bicicross como para skate”. Com dois croquis e instruções

⁷ Ver os filmes *Os reis de Dogtown* e *Dogtown & Z-boys – onde tudo começou*. As piscinas mencionadas tinham fundo arredondado e, é claro, encontravam-se vazias.

⁸ Para se ter uma idéia da complexidade de categorias nativas existentes nas fontes, cito este trecho de um jornal da Associação de Surf de Peito Posto Cinco, com sede no Rio de Janeiro: “Os esportes de onda incluem: bodysurf – surf de peito; boogie board e belly board – surf de prancha de peito; knee board – surfe de joelho em prancha pequena; surf – surf em pé em prancha grande; wind surf – surf com prancha a vela; hand surf – surf de peito com prancha de mão.” *Jornal da ASPPC*, ano 1, n. 3-4, 1987.



sobre os materiais a utilizar e a montagem da rampa, a matéria sugeria aos interessados buscar ajuda de um “carpinteiro amigo” para a construção. Promovendo a iniciação precoce dos praticantes no processo de mercantilização do esporte, lhes recomendava: “tentar conseguir algum patrocinador para a rampa (para cobrir os gastos, ou até a construção), e mostrem a ele os planos, e que após pronta, poderia ser veiculado um desenho da marca do patrocinador.”⁹ Por último, um lembrete em negrito chama atenção para a necessidade de usar equipamentos de segurança e que “mesmo assim machucados poderão ocorrer. A responsabilidade recai assim, única e exclusivamente ao praticante. Alertamos assim sua consciência à segurança, evitando riscos desnecessários.” O trecho soa como uma tentativa de evitar reclamações posteriores de praticantes e de seus pais. Contraditoriamente, diversas fotos de pilotos de bicicross e skatistas os apresentam sem capacete, luvas, cotoveleiras e joelheiras. O caso mais flagrante de contradição é a edição de lançamento de *Skatin’*, do mesmo grupo de *Fluir*, cujo editorial recomendava, de forma politicamente correta: “use sempre seus equipamentos de segurança: capacete, joelheiras, luvas e tudo que for necessário para sua proteção”, enquanto a capa estampava um garoto de nove anos de idade dando um aéreo sem usar qualquer dos itens listados.¹⁰

A preocupação de zelar pela imagem, exacerbada no caso do surfe, estava presente nas demais modalidades. A busca de respeitabilidade era difícil para adeptos de esportes considerados perigosos pelo senso comum. Um piloto de vôo livre recomenda aos neófitos que “não se deixem influenciar pelas más crenças que ainda rondam este esporte. Procurem conhecer mais de perto, tenho certeza que verão o quanto seguro está, atualmente, realizar o mais antigo dos sonhos do homem”.¹¹ Contudo, a matéria anterior à que traz esta declaração mencionava acidentes ocorridos com pilotos em um campeonato realizado no Rio de Janeiro, um deles atingindo uma espectadora que se colocara próximo demais à área de pouso.¹²

No bicicross, encontrei uma ou outra referência a quedas e machucados. Salvo pela disputa de interesses entre as grandes fabricantes de bicicletas, apresentou-se a modalidade como *limpa*. Contudo, uma frase solta no meio da cobertura do Campeonato Paulista de 1984 informa que as coisas não eram bem assim: “na categoria Adulto A

⁹ “Construa sua rampa”, *Fluir* n. 3, mar 1984, p. 46.

¹⁰ *Skatin’* n. 1, jul-ago 1988, p. 1, 7.

¹¹ Entrevista de Roberto Cantusio a Ricardo Demasi, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 54.

¹² Nelson Veiga, “1º. Desafio Camel de Vôo Livre”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 52.



houve muita briga, com várias fechadas, empurrões e cotoveladas.”¹³ O assunto não voltou a ser abordado, mas a menção sugere que a ausência se deve mais à escolha editorial (de silenciar sobre a agressividade, elemento importante nos esportes e, principalmente, nas competições) do que à falta de confusões e contusões no bicicross.

No skate, indicações de uso de equipamentos de segurança conviviam com a exaltação da coragem e radicalidade. O “dicionário” feito pelo colunista Dr. Anshowinhas definiu “limite” como “uma palavra que não existe no vocabulário skatístico. Outro exemplo de palavras desse tipo? MEDO.”¹⁴ No surfe, um anúncio com texto assinado por Paulo Issa dissertava sobre o que é surfar e recomendava “ter equilíbrio” e “saber o tom correto da coragem, a cor do perigo”.¹⁵ Ou seja, sugeria combinar coragem e sensatez, de forma a não arriscar a vida em condições difíceis.

O rol de problemas raramente abordados inclui os climáticos, que poderiam atrapalhar ou impedir a realização de competições. Salvo nas poucas pistas cobertas de skate e bicicross, os esportes eram praticados ao ar livre, portanto encontravam-se sujeitos às intempéries: chuva, vento (direção, força; presença ou ausência), temperatura e ondas (tamanho, formação, frequência, marés, correntes) determinavam as circunstâncias em que se davam as disputas, obrigando inclusive a cancelamentos, suspensões e adiamentos. Com exceção da condição das ondas, raramente se tocava nesses assuntos. Quando isto ocorria, era de forma discreta e pontual, como na competição de vôo livre que durou muitos dias além do previsto porque choveu por uma semana seguida no Rio.¹⁶

Durante o período poliesportivo houve menções pontuais a modalidades além das quatro: a) nota sobre o “II Campeonato Paulista de Wind-Surf”¹⁷; b) recomendação de um pico “muito bom para o surf de peito”¹⁸; c) menção a um “novo esporte”, o Mountain Bike¹⁹; d) foto de um patinador (que também era skatista) executando manobra em um *bowl*²⁰. Uma competição de “triathlon” da qual participou uma equipe que tinha *Fluir* como um dos patrocinadores chegou a ser coberta, mas a revista pediu desculpas pela não publicação do resultado devido a “problemas no fechamento de

¹³ “1a. Etapa do Campeonato Paulista – Salto”, Alexandre Andreatta, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 70-1.

¹⁴ “Dr. Anshowinhas Responde”, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 73.

¹⁵ “O espírito do surf”, Paulo Issa, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 51.

¹⁶ Nelson Veiga, “1º. Desafio Camel de Vôo Livre”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 50-3.

¹⁷ *Fluir* n. 3, mar 1984, p. 11.

¹⁸ “México – Puerto Escondido”, Alfredo Bahia e Bruno Alves, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 37.

¹⁹ “New York, New York”, Antonio Celso Fortino, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 64-5.

²⁰ *Bowls* são um tipo de pista em formato de cuia (*bowl* em inglês) que podem ser usadas tanto por skatistas quanto por patinadores. *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 71.



edição” e concluiu “prometendo para o nosso próximo número reportagens e informes dessa modalidade esportiva duríssima e apaixonante”, o que não chegou a ocorrer.²¹ Dizendo-se proprietário de uma empresa de “promoções”, um leitor gaúcho informa que tem clientes interessados em investir em canoagem e sugere a abertura de espaço para a modalidade.²² A posição do leitor evidencia uma visão da revista como mídia *necessária* ao desenvolvimento da modalidade esportiva, via patrocínio – o interesse de patrocinar um esporte vincula-se à possibilidade de ter a marca exibida na cobertura realizada pela imprensa.

Mas o que mais se dizia sobre as modalidades de terra e ar? Devido ao volume e às características da cobertura sobre o bicicross, ele foi escolhido para ser discutido em uma seção à parte, com trechos pontuais dando conta do vôo livre e skate.

Bicicross

A dificuldade de conciliar estudos e prática esportiva – com ou sem objetivos de competição – é um dos dilemas cotidianos vividos pelos praticantes comuns, mas ignorados na revista. Referências a proibição e restrições por parte dos pais ou impossibilidade de treinar e estudar só surgiam quando se entrevistava algum atleta amador considerado promissor ou quando alguém já inserido na esfera competitiva falava sobre seu passado. As dificuldades enfrentadas no dia-a-dia, inclusive pelas crianças e adolescentes que sonhavam um dia competir e profissionalizar-se, não entravam na pauta.

Estes problemas ganhavam maior dimensão no bicicross, cujos praticantes, junto com os skatistas, possuíam idade média inferior à dos surfistas e pilotos de vôo livre. Um piloto ressaltou a necessidade de conciliar estudo e esporte.²³ O perfil de outro, de apenas sete anos, destacava que “Erich é um campeão também nos estudos (passou de ano com ótimas notas)” e deixava um recado: “aí, garotada, mirem-se [sic] neste exemplo!”²⁴ A modalidade teve presença efêmera, mas foi nas matérias voltadas para ela que, proporcionalmente, houve maior número de referências à escola e preocupação de incentivar o estudo.

O objetivo declarado por *Fluir* de “desenvolver”, “estruturar” e

²¹ “Competindo”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 60.

²² “Cartas do Leitor”, *Fluir* n. 6, set 1984, p. 16.

²³ “Quem é quem – Robin James Toogood”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 48.

²⁴ “Quem é quem”, Alexandre Andreatta, *Fluir* n. 3, mar 1984, p. 50.



“profissionalizar” de vez os esportes radicais no país produzia um olhar que superdimensionava o aspecto competitivo e minimizava (ou ignorava) a prática cotidiana e outras possibilidades de abordagem (cultura, estilo, curiosidades etc.). Duas notas relativas ao vôo livre revelam preocupação de explicar e defender uma linha de organização do esporte:

A APVL (Associação Paulista de Vôo-Livre), está devidamente registrada, ou seja, com existência legal. Agora todos os pilotos associados deverão cumprir a legislação, que inclusive está de acordo com as exigências do DAC (Diretório Aéreo Civil). A função da APVL não é burocratizar o esporte, mas sim organizá-lo, aumentar a sua segurança e incentivar a sua difusão.

Quem estiver interessado em praticar Vôo-Livre, o caminho certo é procurando a A.P.V.L. [...] ela lhe indicará um professor devidamente credenciado.²⁵

A organização do vôo livre abrangia questões espinhosas como a relação com os militares – a ditadura estava em seus estertores, mas vigorava; o DAC integrava a estrutura do Ministério da Aeronáutica. A explicação sobre a função da APVL e a necessidade de procurá-la para ingressar no esporte sugerem a existência de divergências quanto ao processo e de escolas e instrutores não cadastrados – a linha adotada provavelmente não era a única possível e sofria críticas.

No caso do bicicross, uma matéria “reuniu as 12 principais equipes do estado de São Paulo para mostrar como é e como funciona aquela que é a base fundamental do bicicross: a EQUIPE DE COMPETIÇÃO”.²⁶ Tratar competição e equipes bancadas e reunidas por patrocinadores como a “base fundamental” da modalidade constitui uma *escolha*. Como toda escolha, é parcial e passível de discussão. O problema é que raramente as preferências dos meios de comunicação se apresentam como tais. A competição, portanto, é o aspecto mais importante do bicicross *na opinião de Fluir*, mas não necessariamente para os praticantes comuns. Os milhares de crianças e adolescentes que infernizaram os pais para ganhar uma bicicleta estilo *cross* nos anos 1980, entre os quais me incluo, andavam de bicicleta, construía rampas, subiam e desciam calçadas e obstáculos porque queriam virar profissionais ou porque se divertiam e gostavam? A revista passou inteiramente ao largo desta discussão.

A busca por profissionalização é articulada com o caráter “familiar” da

²⁵ “Toques”, Ricardo Demasi, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 71. Assim como nas demais modalidades, a organização do vôo livre não começa nos anos 1980. De acordo com Spink, Aragaki e Alves (2005), a ABVL (Associação Brasileira de Vôo Livre) foi criada em 1975.

²⁶ “Quem é quem nas equipes paulistas”, Alexandre Andreatta, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 58.



modalidade, sempre destacado:

No cotidiano de competições de bicicross vive-se um ambiente bastante familiar, no sentido lato da palavra, e uma cena bastante comum é encontrar nas pistas famílias inteiras: pais, mães, filhos e filhas. Os pais, longe de serem meros espectadores, são ativos participantes das provas seja como comissários de pistas ou então como técnicos, algumas vezes como chefes de equipes, ou mesmo como torcedores mais fanáticos do que aqueles que se vê nos campos de futebol.²⁷

Longe de representar uma contradição em relação ao almejado profissionalismo, a atuação de pais em funções como comissário de pista (responsável por punição e eliminação de pilotos, por exemplo) é considerada uma virtude. Diferentemente do que ocorre com o surfe e o skate, não parece haver dificuldade para classificar o bicicross como um esporte saudável, positivo e apreciado pelas famílias.²⁸ Vale lembrar que boa parte dos compradores de *Fluir* eram crianças e adolescentes e que, quanto menor a idade, maior a necessidade de apoio e permissão dos pais para praticar esportes radicais ou comprar produtos relativos a eles (inclusive revistas). Conseqüentemente, quanto mais os pais vissem as modalidades com bons olhos e delas se aproximassem, melhor. Neste sentido, é significativo que uma reportagem da edição anterior mencione a falta de qualificação dos comissários de pista, mas não aponte o amadorismo e a participação dos pais como uma das possíveis causas.

Salta aos olhos a diferença entre bicicross e skate no aspecto comportamental. A entrada do último trouxe um “Skate manifesto” assinado pelo editor assistente responsável pela modalidade.²⁹ Apresentando “o esporte do futuro, e o futuro é hoje”, aponta sua ligação com música (do “rock tradicional” para “o punk e o hardcore, a new wave e o tecnopop”), invenções tecnológicas que permitiram aprimoramento dos equipamentos (“o amanhã já chegou à [sic] seus pés, nas fibras especiais, nos eixos de magnésio e nas rodas de uretano”), o estilo do skatista (“despontando toda a agressividade visual, nas calças tigradas, nos cabelos curtos e rentes, ou nos tênis quadriculados e fosforescentes. É o retrato do skatista debulhando e falando – FUCK YOU!”) e do esporte (“horrorizando as massas e agilizando o espaço. Skate não é moda – é ação!”). Este retrato *sujo e revoltado* do skate, incluindo um palavrão em inglês, se

²⁷ “Quem é quem nas equipes paulistas”, Alexandre Andreatta, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 58.

²⁸ O vôo livre tinha duas diferenças cruciais em relação aos demais: as restrições relativas a regulação (faixa etária mínima, necessidade de realização de cursos e obtenção de licença) e poder aquisitivo, que produziam um corte rígido quanto a geração e classe social.

²⁹ “Skate manifesto”, Paulo de Oliveira Brito (Anshowinhas), *Fluir* n. 3, mar 1984, p. 52.



manterá nas edições seguintes e contrasta nitidamente com a imagem dos outros esportes, cujos agentes buscam se mostrar simpáticos, limpos, corretos etc.

Uma exceção ao bom-mocismo predominante na cobertura do bicicross foi a matéria que tratou da modalidade estilo livre, a qual, segundo um praticante, é

uma forma de horrorizar as massas, chocar o público e mostrar ao mesmo tempo, o que é o esporte, e não as idéias distorcidas do que seria. Eu ainda não vi, [sic] nenhum campeonato de estilo livre de bike, e existem muitos praticantes que acabam perdendo o incentivo.³⁰

Reclamações de preconceito, incompreensão e distorção por parte do grande público aparecem em diversos momentos – principalmente quando se abre aspas para praticantes – na cobertura de surfe e skate, mas não se discute, salvo as raras exceções do surfe, de que distorções, preconceitos e incompreensões se está falando. Por outro lado, a declaração fala de preconceito entre diferentes modalidades do próprio esporte, com a exclusão do estilo livre nas competições – mais um assunto que não foi levado à frente.

Desde o início, apostou-se que o bicicross e o vôo livre iriam se desenvolver bastante no país. As matérias sobre o primeiro vinham carregadas de otimismo em relação ao presente e futuro. Novo Hamburgo era a “capital do bicicross no Rio Grande do Sul” e saudava-se a criação de associações, inauguração de pistas e realização de campeonatos em cidades do interior gaúcho, paulista e de outros estados: “é o Bicicross, crescendo dia-a-dia em todo o Brasil”;³¹ “o interior mostrando sua garra e mostrando que o skate em união com o bicicross estarão estourando como os esportes da década de 80”.³² A formação da APPB (Associação Paulista dos Pilotos de Bicicross), “para maior participação dos pilotos na estrutura do esporte”, recebeu registro e loas.³³

Referindo-se à empresa que patrocinou e organizou um evento, a matéria saudava: “num país em que os pesadelos são maiores que a realidade, a audácia e a coragem de certas firmas é que nos traz um pouco de alegria e divertimento”. O final renovava os louvores: “parabéns aos patrocinadores da Copa pela impecável organização e por crer num trabalho, numa visão, num ideal que, nem mesmo essa tal de recessão, consegue atrapalhar.”³⁴ O trabalho sério e duro de pilotos, organizadores e

³⁰ “Estilo livre”, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 68.

³¹ “Boletim de Campeonatos”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 60.

³² “Toques”, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 66.

³³ “Toques”, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 68.

³⁴ Antonio Celso Fortino, “Segunda Copa Brasil Caloicross”, *Fluir* n. 2, nov-out 1983, p. 39. Na mesma edição, outra matéria cobria um campeonato realizado pela Monark e também a elogiava. Monark e Caloi eram os dois principais fabricantes de bicicletas do Brasil.



imprensa seria infrutífero sem a existência de empresas dispostas a investir. A conjuntura econômica de recessão vigente em 1983 constituía um motivo importante para enfatizar o elogio. Contudo, em breve a postura em relação às grandes fábricas mudaria drasticamente.

Abria-se espaço para reivindicações de praticantes sobre pistas melhores e maiores, “com o objetivo de elevar o nível e a competitividade da moçada a um padrão internacional”.³⁵ Perguntado sobre o que fazer para o esporte evoluir e “atingir um nível profissional, especializado, organizado”, um piloto listou três necessidades: “mais incentivo [...] das grandes firmas, [...] apoio e espaço na imprensa (jornal, rádio, TV, etc.) e maior interesse do público nas corridas de federados”.³⁶ Se, por um lado, havia lacunas, necessidades e problemas a enumerar, por outro os entrevistados enxergavam sinais positivos, como aumento do número de praticantes e do público interessado. Em meio à euforia, um entrevistador se preocupou com a possibilidade de o bicicross ser “uma febre como foi o patins, forte e rápida”,³⁷ mas recebeu uma resposta otimista.

A comparação entre as situações do esporte no Brasil e nos EUA se mostrava amplamente desfavorável ao primeiro.³⁸ Somava-se a isso tendência dos pilotos de competição ouvidos a preferir bicicletas importadas. Na visão destes, os equipamentos nacionais não estavam à altura dos importados. Ao discorrer sobre modelos e desenhos de bicicletas, componentes, materiais, roupas e acessórios “que, infelizmente, ainda demorarão um pouco para chegar por aqui”, a matéria tratando de uma exposição da indústria de bicicletas nos EUA destacou o atraso do Brasil em relação a equipamentos. Enquanto a maioria dos textos falava com otimismo do bicicross brasileiro e até de perspectivas de participação em competições internacionais, esta reportagem, ao considerar “muito importante a divulgação e circulação dessas informações para que todos [...] se mantenham atualizados das novas tendências do bicicross mundial e da evolução técnica do esporte”, permite perceber o caráter periférico da modalidade no país: era preciso importar equipamentos; as novidades só chegavam se alguém fosse ao exterior e as trouxesse (ou fizesse uma matéria relatando-as); os EUA eram associados a competitividade e organização.³⁹

O bicicross dependia dos fabricantes de bicicletas, que davam nome a

³⁵ Alexandre Andreatta, “III Copa Monark de BMX”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 47.

³⁶ “Quem é quem – Robin James Toogood”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 48.

³⁷ “Quem é Tchup-Tchura”, Reinaldo Negreiros Ribeiro, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 66.

³⁸ Ronaldo Ribeiro (texto), Bruno C. Alves (fotos), “Estilo livre”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 42-3

³⁹ “New York, New York”, Antonio Celso Fortino, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 64-5.



campeonatos e equipes e detinham a propriedade das principais pistas de São Paulo. Pilotos e a própria revista solicitavam investimentos, noticiando vendas, projetos, iniciativas publicitárias e estimulando a concorrência entre os principais fabricantes, Caloi e Monark: “na briga das pistas, quem está ganhando são os pilotos de bicicross; é que a Monark, não querendo ficar por baixo de ninguém, mandou construir uma arquibancada e projetou um novo traçado para sua principal pista, aqui em SP. Quero ver a resposta da Caloi.”⁴⁰

No início de 1984, afirmou-se que no ano anterior, “para a moçada jovem, o papo marcante foi outro [...]. Só se ouvia falar em bicicross [...] 1983 foi o ano da afirmação do bicicross no Brasil”.⁴¹ A matéria buscava apresentar o estado-da-arte e a evolução da modalidade no país. Os entretítulos indicavam os agentes ouvidos: “indústrias”, “federação” e “opinião dos pilotos”. Os últimos reivindicavam mais patrocínio e criticavam o despreparo de muitos juízes de pista – novamente, sem menção ao fato de vários serem pais de competidores.

O editorial de julho repete que o bicicross “cresce a cada dia” e critica a postura de “certas pessoas e empresas”, que “vêm-no apenas através de uma forma imediatista, forma esta distorcida por seus interesses egoístas e mesquinhos”. Para ilustrar, aponta dois “absurdos”: o início do campeonato paulista “apenas no mês de junho, prejudicando sensivelmente o desempenho dos pilotos”; e a empresa que gastou milhões na

montagem de uma grande equipe, na construção de uma pista e na promoção de um grande evento [...] [com] publicidade em campos de futebol e ginásios de vôlei; e nega seu apoio às revistas especializadas, que dão as maiores e melhores coberturas do esporte, sob a alegação de falta de verbas. Seria cômico se não fosse trágico.⁴²

Portanto, o editorial *cobra* de uma empresa (a qual não é nomeada, mas certamente se trata de uma das duas fábricas citadas) a *recusa* a se tornar anunciante. Como esta se nega, a atitude é interpretada como um “absurdo”, pois “milhares de pilotos espalhados pelo país [...] sabem, pela prática, QUEM é que faz a melhor cobertura e quem REALMENTE entende de bicicross no Brasil.”⁴³ O tom exaltado da queixa e a sinceridade ao revelar a negativa de pagar por um anúncio como uma das causas para a crítica são ao mesmo tempo reveladoras e raras no contexto do jornalismo

⁴⁰ “Toques”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 49.

⁴¹ “Bicicross 83-4”, Antonio Celso Fortino e Alexandre Andreatta, *Fluir* n. 3, mar 1984, p. 42-4.

⁴² “Editorial”, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 4.

⁴³ “Editorial”, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 4.



brasileiro. A matéria sobre a primeira etapa do Campeonato Paulista atribui claramente o início tardio do circuito a “políticas mesquinhas das grandes fábricas [que] paralisaram os trabalhos da Federação, demonstrando um egoísmo absoluto [...]”⁴⁴; e conclamava ao trabalho sério “para [...] todos juntos, [...] levar o bicicross a uma posição de destaque entre os esportes nacionais”.

Na edição seguinte o bicicross foi banido, sem qualquer explicação. Apesar de passar por uma “violenta expansão [...] em todo o país, principalmente em São Paulo e Minas Gerais”, das “altas somas [...] investidas em várias novas pistas”, do aumento no número de competições e competidores, do público “que cresce em número e entusiasmo”,⁴⁵ do retorno comercial “ótimo” para os patrocinadores, da chegada à televisão⁴⁶ e de outros predicados que compunham os prognósticos efusivos de *Fluir* – “a única revista que tem várias páginas de bicicross”,⁴⁷ segundo um piloto de 11 anos –, o bicicross logo saiu de cena. Os fabricantes Caloi, Monark e Gallo mantinham uma equipe cada, mas não puseram anúncios em *Fluir* – postura distinta, por exemplo, daquela adotada pelo fabricante que praticamente monopolizava a venda de blocos para fabricação de pranchas de surfe no Brasil e no mundo. As empresas podem ter vendido muitas bicicletas, mas não criaram um conjunto de consumidores ávidos por produtos de uso cotidiano ligados ao bicicross, como ocorreria por exemplo com camisetas, bermudas, calçados e óculos escuros vinculados ao surfe.⁴⁸ Pelo visto, os enteveros com os fabricantes e a falta de anúncios talvez tenham superado a disposição de trabalhar juntos em prol do esporte. “Verdadeira febre” nos anos 1980, apesar de objeto atrativo para o leitor, o bicicross não o foi sob a lógica do patrocínio. No fim das contas, considerando o caráter de classe e capitalista presente na estruturação profissional dos esportes radicais nos anos 1980 e o funcionamento da revista, quem a sustenta é a publicidade, e não o leitor.

O vôo livre fora a primeira modalidade excluída – e a única cuja saída foi registrada:

⁴⁴ “1a. Etapa do Campeonato Paulista – Salto”, Alexandre Andreatta, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 70-1.

⁴⁵ “Quem é quem nas equipes paulistas”, Alexandre Andreatta, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 58.

⁴⁶ Por exemplo, um campeonato realizado em abril de 1984 foi coberto pela “Rede Bandeirantes de Televisão, que pela primeira vez transmitiu para todo o Brasil uma prova de bicicross”. “Toques”, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 67.

⁴⁷ “Quem é Quem – Bruno Nanni Caruso”, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 68.

⁴⁸ Segundo dados de 2007 da Abraciclo (Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetes, Bicicletas e Similares), 1% das vendas de bicicletas no Brasil são para uso em competição. Mas 32% para público infantil – muitas crianças usam modelos *cross*, embora não participem de competições. “Base produtiva e segmentação de uso – Brasil”, Abraciclo, disponível em http://abraciclo.com.br/arquivos/segmentacaodouso_080813.pdf. Acesso em 03/11/2008.



Por diversas razões, tivemos de cortar a seção de Vôo Livre de nossa Revista. Como esse Editorial já vai ficando extenso demais, vamos mesmo ficar devendo a explicação desta decisão. Gostaríamos de tornar público o nosso agradecimento a esses dois batalhadores do esporte – Ricardo Demasi e Roberto Cantusio – não só pelo constante apoio, mas também pelo excelente nível dos seus trabalhos. Talvez, algum dia, estejam dadas as condições para voltarmos a cobrir este esporte.⁴⁹

Durou apenas quatro edições a cobertura de terra, mar e ar. A alegação de que o editorial estava “ficando extenso demais” é discutível, dados o generoso número de linhas destinadas ao bicicross e ao surfe, a publicação de três fotos (surfe, skate e bicicross) e a seqüência do texto com auto-promoção em relação à melhoria no padrão gráfico da publicação.

As decisões não foram tomadas com antecedência, pois o editorial de março de 1984 (em julho o vôo livre estaria fora) reafirmava o caráter poliesportivo e saudava a entrada do skate.⁵⁰ *Fluir* começou com três esportes, aumentou para quatro e acabou reduzindo seu foco a um. A mudança tem a ver com a realidade concreta dos anos de 1983 e 1984 e as perspectivas futuras de lucro com as modalidades e seus respectivos anunciantes. Uma das razões para a alteração é que certos esportes não desenvolveram um estilo de vida próprio – ou, ao menos, um estilo de vida ligado a consumo e que se espalhasse para além dos praticantes. A escolha é um sintoma da diferença entre as marcas de surfe e as demais no plano comercial. As condições de produção, circulação e consumo no domínio do surfe são diferentes do bicicross e do vôo livre. O primeiro combina empresas, subcultura e mercado fortes. Como conseguir anunciantes ligados ao vôo livre, por exemplo, com seus equipamentos caros e importados? Ademais, o surfe produz uma dinâmica de identificação com admiradores que não ocorre nas modalidades citadas.

Contudo, exceto por um ou dois exemplos isolados, *Fluir* silencia sobre o fato de o mercado do surfe ser mais forte que os demais. A eliminação das modalidades não é resultado de queda no número de praticantes dos mesmos, mas de decisão editorial motivada por razões comerciais. Tanto é que, no decorrer da década, criam-se títulos específicos para skate, bodyboard e bicicross, dois deles da Editora Terra, Mar e Ar, e novas variantes de esportes radicais passam a ser praticadas no Brasil, entre as quais o parapente, vertente do vôo livre (Spink, Aragaki e Alves, 2005).

⁴⁹ “Editorial”, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 4.

⁵⁰ “Editorial”, *Fluir* n. 3, mar 1984, p. 6.



Breves considerações finais

Uma publicação como *Fluir* tende a se constituir em espaço privilegiado para anúncio de empresas diretamente ligadas ao(s) setor(es) que cobre. Desde a capa do primeiro número, apresentou uma quantidade razoável de anúncios. Predominavam marcas de produtos de alguma forma ligados ao surfe (roupas, equipamentos e acessórios) e/ou ao ambiente praiano (biquínis, camisetas, bonés, óculos escuros, sandálias etc.). Em número significativamente inferior estavam as marcas ligadas a vôlei livre, bicicross e skate.

Ao longo das primeiras edições, estreitou sua temática para focar-se exclusivamente no surfe. Vinte anos depois, a mudança é explicada pela própria ênfase dos anunciantes. Segundo Cláudio Martins, um dos criadores, “com o passar das edições, percebemos que quem sustentava a revista era o surf e aos poucos fomos tirando os outros esportes, até a *Fluir* se tornar 100% surf”.⁵¹ O projeto editorial caminhou passo a passo com os anúncios.

O objetivo de fazer os esportes crescerem e se profissionalizarem estava diretamente ligado à necessidade de anúncios para garantir a sobrevivência da publicação. Esta esforçou-se para ressaltar traços positivos e silenciar sobre dificuldades e limites conjunturais e estruturais. Por exemplo, aspectos como a participação dos pais na organização e na direção técnica das competições, longe de constituírem um problema (devido à possibilidade de favorecimento de certos competidores), foram saudadas como uma virtude do bicicross. Percebe-se, portanto, o engajamento da mídia de nicho na estruturação dos esportes radicais e na construção de representações em torno dos mesmos. Esta atuação, contudo, acabou restringida pela situação econômica objetiva, e as modalidades que não proporcionaram investimento significativo na revista, sob a forma de anúncios, acabaram descartadas.

Referências bibliográficas

- DIAS, Cleber Augusto Gonçalves (2008). *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri. (Sport: História)
- FORD, Nick; BROWN, David (2006). *Surfing and social theory: experience, embodiment and narrative of the dream glide*. London & New York: Routledge.

⁵¹ “5 Minutos” – Entrevista de Cláudio Martins a Adrian Kojin. *Fluir* n. 216, out 2003, p. 52.



FORTES, Rafael (2009). Os anos 1980, a juventude e os esportes radicais. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (org.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Ed. Unesp. (no prelo)

GUTENBERG, Alex (1989). *A história do surf no Brasil: 50 anos de aventura*. São Paulo: Grupo Fluir/Ed. Azul.

SOUZA, Ana Maria Alves de (2003). “Evoluindo”: mulheres surfistas na Praia Mole e Barra da Lagoa. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <http://www.tede.ufsc.br/teses/PASO0142.pdf>. Acesso em 27/12/2006.

SPINK, Mary Jane P.; ARAGAKI, Sérgio Seiji; ALVES, Marina Pigozzi (2005). Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais e turismo de aventura. *Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre, vol. 18, n. 1, jan-abr. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000100005&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 19/8/2008.

THORNTON, Sarah (1996). *Club cultures: music, media and subcultural capital*. Hanover (NH, EUA): Wesleyan University Press/University Press of New England.

Filmografia

Dogtown & Z-boys – onde tudo começou (Dogtown & Z-Boys). 2001, dir. Stacy Peralta, 90 min., documentário.

Garota dourada. Brasil, 1983, dir. Antonio Calmon, 102 min., ficção.

Menino do Rio. Brasil, 1981, dir. Antonio Calmon, 85 min., ficção.

Os reis de Dogtown (Lords of Dogtown). EUA, 2005, dir. Catherine Hardwicke, 105 min, ficção.